

This is America, narrativas de um Corpo-Testemunho: processos de sentido, frente ao lugar socioideológico de corpos pretos

*This is America, Narratives of a Witness-Body: Processes of Meaning in Relation to the
Socio-Ideological Place of Black Bodies*

Pedro Henrique Corrêa Victor*
Universidade Federal de Uberlândia
Uberlândia, Minas Gerais, Brasil

Resumo: Este artigo analisa o videoclipe “This is America”, de Childish Gambino, utilizando a pesquisa narrativa e a arqueologia foucaultiana do saber para explorar o conceito de “Corpo-Testemunho”. Através da crítica visual e simbólica, a obra é interpretada como uma forma de letramento racial, revelando as realidades da violência e do racismo sistêmico enfrentados pelos corpos pretos. O videoclipe é lido como uma crítica às estruturas de opressão racial nos Estados Unidos, onde imagens de violência, dança e cultura de massa se entrelaçam para evidenciar as contradições na experiência dos corpos pretos em uma sociedade que tanto consome quanto marginaliza a cultura preta. A narrativa individual e coletiva da diáspora preta emerge como um elemento central no artigo, enfatizando como o “Corpo-Testemunho” territorializa essas vivências e resistências, transformando a memória em uma ferramenta de luta e ressignificação. O artigo ainda reflete sobre o papel do racismo estrutural e a forma como ele molda a experiência preta, propondo que a memória coletiva e a resistência cultural funcionem como meios essenciais de preservação da identidade e da autonomia dos corpos pretos no contexto socioideológico contemporâneo.

Palavras-chave: *Corpo-Testemunho. Letramento racial. Memória preta. Racismo. Diáspora.*

Abstract: This article analyzes the music video “This is America” by Childish Gambino, using narrative inquiry and Foucault’s archaeology of knowledge to explore the concept of the “Witness-Body.” Through visual and symbolic critique, the work is interpreted as a form of racial literacy, revealing the realities of violence and systemic racism faced by Black bodies. The video is read as a critique of racial oppression structures in the United States, where images of violence, dance, and mass culture intertwine to highlight the contradictions in the experience of Black bodies in a society that both consumes and marginalizes Black culture. The individual and collective narrative of the Black diaspora emerges as a central element in the article, emphasizing how the “Witness-Body” territorializes these experiences and forms of resistance, transforming memory into a tool for struggle and redefinition. The article also reflects on the role of structural racism and how it shapes the Black experience, suggesting that collective memory and cultural resistance serve as essential means of preserving the identity and autonomy of Black bodies in the contemporary socio-ideological context.

Keywords: Witness-Body. Racial literacy. Black memory. Racism. Diáspora.

1 INTRODUÇÃO

O vídeo *This is America* de Childish Gambino, lançado em 2018, tornou-se um marco na cultura popular por sua abordagem direta e simbólica sobre temas cruciais como violência armada, racismo e a cultura de massa nos Estados Unidos, mas principalmente,

* Universidade Federal de Uberlândia - UFU, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil. E-mail: pedrohecv@gmail.com.

um marco para mim. A complexidade visual e narrativa do vídeo oferece uma rica oportunidade para compor memórias pretas, utilizando a abordagem arqueológica de Michel Foucault, junto à pesquisa narrativa. Proponho um olhar para o vídeo baseado nas discussões sobre, história e memória, com ênfase nas noções de discurso, enunciado, arquivo e acontecimento discursivo conforme articuladas por Foucault.

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupam em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas. (Foucault, 2008, p. 147).

A partir deste olhar de compor memórias pretas presentes no vídeo, exploro as narrativas coletivas e individuais da diáspora preta, que informam e territorializam aquilo que chamo de Corpo-Testemunho, compondo sentido, é vislumbrando a possibilidade de pensar, qual é o lugar sócio-ideológico deste corpo?

Ao meu ver o vídeo *This is America* pode ser compreendido como uma narrativa que denuncia e expõe as realidades brutais da violência racial e da alienação cultural. A utilização de imagens impactantes, como a execução de um coro da igreja e a dança despreocupada de Gambino, serve para criticar a banalização da violência e a superficialidade da cultura de massa. Para Foucault, o discurso não é apenas uma forma de expressão, mas um conjunto de práticas que produzem e sustentam o poder e o conhecimento. Nesse sentido, o vídeo de Gambino é um enunciado que se insere em um arquivo mais amplo de discursos, sobre racismo e violência contra o corpo preto. A pesquisa narrativa nos ajuda a contextualizar esses elementos, mostrando como as experiências e memórias coletivas e individuais da diáspora preta, moldam a recepção e o impacto do vídeo, para um Corpo-Testemunho, no espaço sócio-ideológico em que ele se encontra ou é colocado. “A pesquisa narrativa examina as vidas humanas através da lente de uma narrativa, honrando a experiência vivida como uma fonte importante de conhecimento e compreensão” (Clandinin, 2013, p. 20).

O conceito de arquivo em Foucault refere-se ao conjunto de regras que determina o que pode ser dito e pensado em uma determinada época. *This is America* insere-se em um arquivo de discursos que abrange desde a violência policial contra corpos pretos, até as representações midiáticas desses corpos. Ao evocar imagens e eventos históricos, como o massacre de Charleston e a brutalidade policial, Gambino cria um acontecimento discursivo que desafia as narrativas dominantes e nos obriga, enquanto espectador, a confrontar essas realidades.

Com narrativas minhas e de Niknik, uma pessoa também preta, a qual convido a compor este artigo comigo, revelo como essas imagens de *This is America*, ressoam com nossas histórias vividas, trazendo à tona memórias de resistência e luta. Quando digo, que um Corpo-Testemunho se territorializa, e falo de memórias coletivas e individuais, é por entender que em meio a solitude de estado do corpo preto, o mesmo ainda não está só, existe uma coletividade construída em memória ancestral, existe o partilhar essas

memórias com o outro, mas ainda sim, em determinados momentos é a minha história posta, em processos profundos de descoberta, eu, O menino Pedro, vivo neste estado constante de descoberta de mim, principalmente para que na compreensão de quem sou, eu possa ser território do outro.

Eu era ao mesmo tempo responsável pelo meu corpo, responsável pela minha raça, pelos meus ancestrais. Lancei sobre mim um olhar objetivo, descobri minha negridão, minhas características étnicas [...] (Fanon, 2008, p. 105).

Para compreender *This is America* em suas nuances, resgato essas memórias, vejo tal vídeo como uma forma de letramento racial. A canção narra conceitos da diáspora preta e busca mostrar ao público as injustiças sistêmicas enfrentadas pela comunidade preta. Este processo de letramento racial é essencial para a resistência e a rememoração. O esquecimento implica a volta à opressão, enquanto a lembrança mantém viva a resistência. A pesquisa narrativa nos permite conectar as cenas do vídeo com as histórias de vida e as memórias coletivas e individuais, fortalecendo o entendimento do vídeo como um veículo de educação e resistência, por meio da experiência, compondo sentido.

Compor sentido através da narrativa envolve o entrelaçamento de experiências vividas com os contextos culturais e sociais, permitindo a construção de significado mútuo tanto para o pesquisador quanto para os participantes da pesquisa. (Clandinin e Connelly, 2000, p. 64).

Para entender *This is America*, é crucial reconhecer que a história não se constrói a partir de eventos isolados, mas de uma série de movimentos interconectados que criam um novo contexto histórico. Exemplos disso que tenho em minha memória, incluem a eleição de Barack Obama em 2008, que simbolizou uma nova era de possibilidades para a comunidade preta; o movimento *#BlackLivesMatter*, iniciado em 2013, que trouxe à tona a luta contra a violência policial e o racismo sistêmico; e a influência cultural de artistas pretos na cultura pop, como Beyoncé com o lançamento de *Lemonade* em 2016, que celebrou a herança e a resistência preta.

Outro exemplo importante inclui o filme "Corra!" (*Get Out*) de Jordan Peele, lançado em 2017, que critica a mercantilização dos corpos pretos e as novas formas de escravidão. Peele utiliza o gênero de terror para explorar as tensões raciais e destacar como a cultura e o corpo preto são consumidos pela branquitude, mesmo enquanto são desvalorizados. Esses eventos e produções culturais fazem parte de um movimento maior que *This is America* encapsula e amplifica. A pesquisa narrativa permite que tracemos essas conexões e compreendamos como o vídeo se insere em um diálogo contínuo sobre multiculturalismo e resistência, diante de narrativas de corpos pretos, corpos como o meu.

Existe uma dualidade existente na arte preta, que é consumida com a mesma intensidade que é desvalorizada, sendo umas das críticas que penso ser central no vídeo de Gambino. Esta dualidade reflete a experiência de artistas pretos que, ao mesmo tempo em que são celebrados na cultura popular, enfrentam a persistência do racismo e da violência. *This is America* desafia essa hipocrisia, destacando como a cultura preta é

muitas vezes apropriada e comercializada, enquanto as vidas pretas são desvalorizadas e ameaçadas. A análise foucaultiana, combinada com a pesquisa narrativa, nos permite compreender essa crítica em profundidade, revelando as camadas de significado que fazem do vídeo uma obra de resistência e denúncia, para um corpo preto, observar *This is America*, é se observar.

A pergunta que recai em mim quando me coloco a ouvir e ver esta obra, é de me questionar em que lugar me coloco ou sou colocado na sociedade a partir dos meus fenótipos? O que é território meu e o que me foi dado? E qual o valor social deste lugar? Me ponho ou me coloco neste lugar diante de quais conceitos ideológicos? O vídeo *This is America* de Childish Gambino, através de sua complexidade visual e narrativa, oferece uma poderosa crítica às realidades da violência armada, do racismo e da cultura de massa. Utilizando a abordagem arqueológica de Foucault, podemos entender o vídeo como uma narrativa que denuncia as injustiças sistêmicas.

A descrição arqueológica dos discursos se desdobra na dimensão de uma história geral; ela procura descobrir todo o domínio das instituições dos processos econômicos, das relações sociais nas quais pode articular-se uma formação discursiva (Foucault, 1969, p. 186).

A pesquisa narrativa enriquece esse compor memórias pretas, mostrando como as experiências coletivas e individuais da diáspora preta, informam e fortalecem a mensagem do vídeo.

2 ENCONTRANDO O ENTREMEIO ENTRE A PESQUISA NARRATIVA E A ARQUEOLOGIA DO SABER DE FOUCALT

Como pensar narrativamente junto a referência de Michel Foucault, em sua obra "A Arqueologia do Saber" (1969)? Nesta obra ele desenvolve um método de análise histórica que busca compreender a constituição dos discursos e das práticas discursivas. "A arqueologia descreve os discursos como práticas especificadas no elemento do arquivo" (Foucault, 1969, p. 149). A arqueologia foucaultiana não se limita à superfície dos textos, mas investiga as condições de possibilidade que permitem o surgimento de certos discursos. Em meio ao compor memórias pretas do vídeo *This is America*, utilizo este lugar metodológico para desenterrar as camadas de significados presentes nas imagens, símbolos e narrativas do vídeo.

Para isso, proponho uma abordagem Teórico-metodológica que entrecruza a pesquisa narrativa com a análise do discurso foucaultiana. A pesquisa narrativa, conforme descrita por Clandinin e Connelly (2000, 2015), envolve a compreensão das experiências e histórias contadas pelos indivíduos, levando em consideração as dimensões de temporalidade, sociabilidade e lugar. "A pesquisa narrativa presta atenção às dimensões temporais, sociais e de lugar da experiência humana, oferecendo uma compreensão complexa e nuançada das vidas e contextos das pessoas" (Clandinin et al., 2015, p. 25). Sendo assim, busco a partir das narrativas, trazer as histórias e memórias individuais e coletivas presentes em *This is America*, das quais eu me territorializo, a partir das narrativas, diante do impacto desta obra na vida de corpos pretos, proporcionando um

entendimento profundo das narrativas diaspóricas que o vídeo evoca na minha jornada de construção de sentido ao que chamo de Corpo-Testemunho, e na vida de boa parte dos corpos pretos que me encontro.

O processo de viver juntos educa. Ele exerce aquele modo de controle social que é mais próximo da vida futura e mais flexível. Os hábitos formados dessa maneira são flexíveis; eles se prestam prontamente ao jogo rápido de estímulos sociais. (Dewey, 1997, p. 56).

O compor memórias pretas, será estruturado em torno dos principais símbolos e cenas do vídeo, cada um dos quais será examinado à luz dos conceitos foucaultianos de discurso, enunciado, arquivo e acontecimento discursivo. Em primeiro lugar, identifico os principais símbolos e cenas do vídeo que evocam memórias históricas e culturais, que muitas das vezes são silenciadas, fazendo da obra *This is América*, também um espaço de letramento histórico.

2.1 CAMINHOS DE DESCOBERTAS: O QUE FAZER APÓS A ESCRITA DAS NARRATIVAS E TRAÇAR A ANÁLISE FOUCAULTIANA?

Para analisar o vídeo *This is America* de Childish Gambino utilizando o espaço Teórico-metodológico foucaultiano inter cruzado com a pesquisa narrativa, é essencial entender como essas duas abordagens se complementam para revelar as camadas de significados presentes na obra, diante do lugar sócio-ideológico do Corpo-Testemunho. Michel Foucault, em “A Arqueologia do Saber” (1969), propõe uma análise que vai além da superfície dos textos, explorando as condições de possibilidade que permitem o surgimento de certos discursos, “tratando-se de uma modificação no princípio de exclusão e de possibilidade das escolhas, modificação que é devida à inserção em uma nova constelação discursiva” (Foucault, 1969, p. 75). Nossa análise do vídeo se estrutura em torno dos principais símbolos e cenas, examinando-os à luz dos conceitos foucaultianos de discurso, enunciado, arquivo e acontecimento discursivo, enquanto a pesquisa narrativa nos ajuda a contextualizar esses elementos dentro das histórias e experiências coletivas e individuais da diáspora preta, que territorializam o Corpo-Testemunho.

A complexidade visual e narrativa de *This is America*, exige uma abordagem que considere os símbolos postos. Identifico, elementos visuais como a dança de Gambino, os tiroteios, a perseguição policial e os símbolos religiosos. Esses elementos são descritos detalhadamente, considerando como cada um deles contribui para a construção de um discurso sobre violência racial e cultural nos Estados Unidos.

Utilizando a pesquisa narrativa, exploro como esses símbolos e cenas se relacionam com as histórias e memórias da diáspora preta na contemporaneidade. A dança de Gambino, por exemplo, não é apenas um movimento coreografado, mas uma evocação de tradições culturais pretas que resistem à opressão e celebram a identidade, dança está, que me perfaz quanto um Corpo-Testemunho, para mim quando observo a dança de Gambino, me territorializo da minha própria dança, das danças que se perfazem

como espaço de aquilombamento. Desta mesma forma, também me perfaço, dos atos de violência retratados no vídeo, que se remetem a eventos históricos específicos, como linchamentos e assassinatos de figuras pretas, que fazem parte da memória coletiva da nossa sociedade.

Aplico a análise foucaultiana para compreender as condições de possibilidade desses discursos. Investigando como o vídeo articula discursos sobre identidade preta, resistência e opressão, e como configura arquivos históricos para criar novos significados. O conceito de arquivo de Foucault nos ajuda a entender como *This is America* resgata e transforma discursos passados sobre racismo e violência, inserindo-os em um novo contexto contemporâneo ao qual eu faço parte. Analiso como o vídeo funciona como um acontecimento discursivo, não apenas refletindo, mas também intervindo nas discussões atuais sobre multiculturalismo e violência aos corpos pretos.

Essa abordagem nos permite compreender *This is America* como uma obra que não só rememora memórias históricas, mas também reconfigura essas memórias para articular novas formas de resistência e identidade preta. O vídeo de Childish Gambino torna-se, assim, um marco cultural poderoso que revela as camadas de significado e as complexidades das experiências pretas diaspóricas, utilizando a dança, a música e a violência visual como veículos para uma crítica profunda e incisiva das realidades sociais e políticas dos corpos pretos como o meu, que se inserem no mundo diaspórico contemporâneo.

Na produção artística de *This Is America*, tal valor se dá a partir de representações performáticas de situações de violência urbana e policial, além de eventos da contemporaneidade estadunidense sulista, passíveis de serem também reconhecidos, pela condição segregacionista do racismo e da exclusão social, em outros lugares do mundo. Ao apresentar cenas ilustrando o racismo no cenário em que se propõe, o videoclipe narra uma história a serviço de um propósito político – típico das produções artísticas da contemporaneidade. A denúncia se faz presente na produção artística do videoclipe através da música, da dança, da representação e da encenação, numa conjugação multicultural capaz de veicular a sua mensagem por meio de todas essas formas de expressão. (Rocha, 2011, p. 06).

Ao intercruzar a pesquisa narrativa com a análise do discurso foucaultiana, pretendo alcançar um lugar Teórico-metodológico, que proporcione uma construção de memória preta, rica e multifacetada posta em *This is America*. Explorando como o vídeo rememora e reconfigura memórias históricas, enquanto articula novas formas de resistência e identidade. Não uso da pesquisa narrativa, como lugar de análise das narrativas aqui transcritas, as coloco, para que você leitor se territorialize delas, e as observem em você, quanto ser individual, mas também na coletividade da memória preta, como ponto de ancestralidade. As narrativas é uma forma de observar como *This is America* toca nossa própria história, compondo sentido, sendo uma pessoa branca ou preta, pois a história está acontecendo para ambos os corpos simultaneamente, o que muda é como decidimos observá-la.

O corpo europeu branco optou por um movimento que engendrou a escravização, esquecendo-se de movimentar a sua ancestralidade para um ponto de amor e de doação de si para o outro, com a possibilidade de um possível ponto final a tal ato tardiamente, o que convencionou a falta de uma orientação social ética para com o corpo preto e a sua ancestralidade. (O menino Pedro, 2023, p. 40).

Espero que esta abordagem nos permita desvendar as nuances presentes na obra de Gambino, revelando como ela funciona como um discurso narrativo, poderoso e transformador na cultura popular contemporânea em minha vida, e de vários corpos pretos da diáspora africana, que perfazem o Corpo-Testemunho.

3 ENUNCIADOS, DISCURSOS E ARQUIVOS: CONSTRUÇÃO DE SENTIDO DA MEMÓRIA DOS CORPOS-TESTEMUNHOS EM *THIS AMERICA*, MEU O OLHAR PARA ESTA OBRA

3.1 VIOLÊNCIA ARMADA E RACISMO

3.1.1 O Músico e Trayvon Martin

A representação de um músico que se assemelha ao pai de Trayvon Martin remete diretamente à questão da violência armada contra jovens pretos. Trayvon Martin foi um adolescente preto assassinado em 2012, um evento que simboliza a vulnerabilidade dos jovens pretos diante da violência racial. O vídeo estabelece um discurso que denuncia a banalização da vida preta na América. A figura do músico serve como uma metonímia para todas as vítimas de violência racial, posicionando a questão racial no centro da narrativa. Esse enunciado se insere em um arquivo de discursos sobre violência policial e racismo estrutural nos Estados Unidos. A referência a Trayvon Martin invoca a memória coletiva de uma série de eventos traumáticos que mobilizaram movimentos sociais como o *Black Lives Matter*.

3.2 Referências à cultura africana e memórias raciais

3.2.1 Dança Africana e o Tio Ruckus

A dança de Gambino ao som de uma batida africana, seguida por uma expressão facial que lembra o Tio Ruckus, um personagem da série *The Boondocks* que internaliza o racismo, aponta para a dualidade da identidade preta na cultura americana. Essa cena aborda a tensão entre a celebração da herança cultural africana e a internalização dos estereótipos raciais. A dança alegre contrasta com a contorção facial que remete ao racismo internalizado. Esse enunciado se relaciona com discursos históricos sobre a construção da identidade preta na diáspora africana. A figura do Tio Ruckus representa um arquivo de estereótipos raciais perpetuados pela mídia.

3.3 PERSONIFICAÇÃO DE JIM CROW

Gambino se transforma em Jim Crow, uma figura racista criada no século XIX para ridicularizar os corpos pretos. Esta transformação é uma crítica direta à perpetuação dos estereótipos raciais. A personificação de Jim Crow no vídeo revela como os estereótipos raciais continuam a influenciar a percepção social das pessoas pretas. A figura de Jim Crow é uma representação dos mecanismos de controle e opressão racial. Esse enunciado evoca um arquivo de práticas discursivas racistas que remontam às leis de segregação Jim Crow e aos espetáculos de menestrel que caricaturam os corpos pretos.

3.4 O VALOR DA ARMA *VERSUS* A VIDA NEGRA

3.4.1 A Entrega da Arma

A cena em que Gambino entrega uma arma a uma criança, que a segura como se fosse um objeto precioso, simboliza a valorização da cultura das armas em detrimento da vida preta. Esta cena critica a cultura americana de glorificação das armas e a desvalorização da vida preta. A arma é tratada com mais cuidado do que a vida humana, destacando a prioridade dada à posse de armas sobre a proteção da vida. Esse enunciado está inserido em um arquivo de discursos sobre a Segunda Emenda, a cultura das armas e os debates sobre controle de armas nos Estados Unidos. A arma se torna um símbolo do poder e da violência institucionalizada.

3.5 UNIFORME CONFEDERADO E A MEMÓRIA DA GUERRA CIVIL

3.5.1 As Calças Confederadas

As calças usadas por Gambino, que lembram os uniformes confederados, evocam a memória da Guerra Civil Americana e a luta pela supremacia branca. A referência à Confederação sugere a persistência das ideologias racistas que originaram a guerra. Gambino representa tanto os soldados confederados quanto os contemporâneos que ainda defendem esses valores. Esse enunciado se relaciona com discursos históricos sobre a Guerra Civil, a reconstrução e as contínuas divisões raciais na sociedade americana. A Confederação é um arquivo de simbolismo racista e de resistência à igualdade racial, onde Gambino representa a própria América no videoclipe.

3.6 A CULTURA DE MASSA E A INDIFERENÇA

3.6.1 Dança e Cultura de Massa

A mudança para uma batida de trap e a dança despreocupada de Gambino e das crianças simbolizam a distração e a indiferença promovidas pela cultura de massa. Esta cena critica a superficialidade da sociedade de consumo e a alienação diante de problemas sociais graves. As crianças seguem Gambino cegamente, refletindo a influência da cultura de massa e das redes sociais. Esse enunciado se insere em um arquivo de discursos sobre

a alienação cultural e a superficialidade da mídia. A batida de trap e as danças virais de, representam a comercialização e trivialização da cultura preta.

3.7 A IGREJA COMO REFÚGIO E ALVO

3.7.1 O Coro da Igreja

O coro da igreja, representando um espaço seguro para a comunidade preta, é destruído por Gambino, aludindo ao massacre de Charleston em 2015. A violência contra a igreja simboliza o ataque às instituições que historicamente oferecem refúgio e resistência para a comunidade preta. A cena é uma crítica à persistência da violência racial mesmo nos espaços considerados sagrados e seguros. Esse enunciado evoca um arquivo de violência racial contra espaços de resistência e aquilombamento preto. O massacre de Charleston é um evento traumático que ressoa com a longa história de ataques a igrejas pretas nos Estados Unidos, e ao mesmo tempo que podemos observá-lo quando olhamos para notícias de ataques a terreiros no Brasil.

4 CORPO-TESTEMUNHO: LUGAR DE MEMÓRIA, ARTE, TEMPO, ANCESTRALIDADE, ENCRUZILHADAS E ORALIDADE

4.1 COMPOSIÇÃO DE MEMÓRIA PRETA, LUGAR SÓCIO-IDEOLÓGICO

O menino Pedro, quando vê Gambino correndo ao final do vídeo de uma multidão branca, ele também corre... Gambino um homem preto a mão da América branca não é perseguido, Gambino quanto corpo preto é...

Em 2018, enquanto o clipe *This is America* era lançado, eu me formava em Teatro pela Universidade Regional de Blumenau, em Santa Catarina. O estado no qual cresci e me formei tem uma população majoritariamente branca, com narrativas como "somos a Alemanha sem passaporte." Sempre me questionei sobre qual Alemanha estamos falando. Talvez a Alemanha nazista da Segunda Guerra Mundial. Blumenau tem um jeito estranho de acolher corpos pretos.

No meu primeiro ano da universidade, me lembro de ajudar em uma vaquinha para um estudante de odontologia preto, que havia sido brutalmente espancado enquanto voltava para casa por um grupo de adolescentes brancos neonazistas. Não houve reportagens, não houve comoção, não houve nada, apenas a notícia anunciada por amigos e o pedido de ajuda que chegava por meio da vítima e de pessoas próximas a ela. Ele sobreviveu, mas ficou com todos os dentes e alguns ossos quebrados, mas, como eu disse, nenhuma comoção, nem reportagem. Tudo ficou como um caso isolado de racismo.

Mas foi nesta cidade que cresci, me formei e comecei a me entender como pessoa preta. Quando você nasce em uma cidade como Blumenau, mesmo sendo uma pessoa preta, você se embranquece e por vezes se faz racista com o outro e consigo, até que em algum momento da sua vida, você para, olha para si mesmo e para seu entorno, e percebe

que existe algo em você que não se encaixa com o lugar que está ocupando naquele núcleo social.

Fui o único estudante preto do curso de teatro e do centro acadêmico de artes por três anos. Nos últimos anos, até entraram três estudantes pretos, mas, devido a problemas financeiros, tiveram que trancar ou simplesmente sair do curso. No dia da minha colação de grau, havia 1.200 pessoas de diversos cursos. Eu era a única pessoa preta ali. Foi a primeira vez que fiz o jogo de pescoço, um jogo que consiste em olhar para os lados e observar quantas pessoas pretas há ao seu redor, e que função essas pessoas ocupam. Eu descobriria anos depois que este movimento faz parte do processo de letramento racial.

This is America foi lançado cerca de um mês depois da minha colação de grau. Eu me vi naquele clipe, sendo aquelas pessoas, minoria, um caso isolado. Comecei a me entender como responsável por estudar meu próprio corpo e minha ancestralidade, para compreender os processos que já havia vivido e que viria viver sendo eu uma pessoa preta. Nesse sentido, *This is America* passa a ser um referencial de algo que me compõe, pois o discurso posto por Gambino na canção falava com a minha identidade de ser. Eu também fui e sou parte dos processos vividos por aqueles corpos do videoclipe.

Foi a partir desta música, que comecei a pensar sobre como eu poderia entender melhor qual era a memória do povo preto, pois, nos livros de história, na escola, tudo que haviam me ensinado, era que corpos pretos eram corpos escravizados. Quando olho para trás, percebo o quanto eu perdi de mim dentro deste processo, pois, se sei de onde venho, sei para onde devo voltar e me territorializar. Mas quando não se sabe de onde vem, você apenas segue pelos caminhos que lhe são postos, que, em geral, sempre são os caminhos dados pela insistente ideia de um Brasil eurocêntrico.

Neste período, tudo que se fez presente como memória para mim veio dos processos orais que me construíram e me constroem como ser, pois, nessa mesma época, comecei a frequentar um terreiro de Candomblé de Angola, onde havia aulas que falavam de histórias que eu jamais havia ouvido de um povo preto diferente dos escravizados da escola e dos livros, onde eu vivia e existia a partir de processos de aprendizagem que se dava pelo corpo e pela oralidade “os repertórios orais e corporais, gestos, hábitos, cujas técnicas e procedimentos de transmissão são meios de criação, passagem, reprodução e de preservação dos saberes [...]” (Martins, 2003, p. 05).

Me vi em encruzilhadas de tomada de decisão sobre o que eu, enquanto pessoa preta, poderia fazer com estas novas histórias que descobria diante de mim. O Brasil é um país de feridas e chagas estancadas a panos nunca limpos; a história preta é só uma de várias que teve e tem a tentativa de apagamento.

Decidi então criar espaço dentro de mim, a partir da referência preta, que se constrói nos terreiros de Candomblé. Vi alguns vídeos, li meu primeiro livro afrocentrado, *Quilombismo*, de Abdias Nascimento, conheci o Teatro Experimental do Negro, conheci a dramaturgia Aruanda e escrevi um livro narrando minha nova jornada, me empreteci, o que me custou e me custa caro. Creio que fui branco até este momento da minha vida. Em 2018, tomei consciência de que algo tinha que mudar, que o tempo que eu me colocava não era o tempo ao qual me perfazia. A busca por me conhecer, por tentar entender vários processos, foi longa, e me rendeu uma pesquisa de mestrado e agora uma de doutorado.

Hoje sou uma pessoa preta. Hoje, sim, consigo dizer que compreendo minha ancestralidade, que valorizo e me faço de conhecimentos orais, de uma memória oral, de um tempo preto, que me intercruza pela palavra, como consigna de valor ético e estético humano. É algo de extremo valor. Sábio não é aquele que muito diz, mas aquele que tem o que dizer, que se resguarda e habita em si e em suas memórias.

Encerro esta narrativa provocando você, leitor, com aquilo que me chama mais atenção no videoclipe de *This is America*: o silêncio. Existe um curto silêncio no início do clipe que é tomado por um coro que canta “yeah, yeah... go, go away...” Sempre que escuto esta parte da música, volto em filmes, e em canções que não sei o nome ou a época, que mostram os navios negreiros e o povo escravizado nas lavouras, que, sem instrumentos musicais, faziam da voz e de seus corpos instrumentos e canções de resistência.

Mo dúpé gbogbo
O menino Pedro

4.2 NIKNIK

Quando acontecia algo de bom, como cantar e tocar um instrumento, eu era surpreendida com a morte dos negros se divertindo. Mas aí, um me chamou a atenção para o seu movimento corporal, sua dança. Eu quis compreender a letra da música, vi a tradução, mas depois eu queria sentir o vídeo. Como aquela sequência ocorreu duas vezes, fiquei esperando pela terceira com o grupo de dançarinos principais junto ao negro principal, o que não aconteceu, e isso me aliviou um pouco daquela tensão durante o vídeo, enquanto eu tentava entender o que poderia interpretar dele. Sempre que havia morte, a música tensa começava e o caos se instaurava no cenário ao fundo, retratando a realidade da América e mostrando os malabarismos feitos pelos corpos negros.

Geralmente, eu sinto as músicas negras e gosto de dançar junto, mas essa não me deu vontade de dançar. Senti muita angústia.

Durante o vídeo, eu me vi no lugar do corpo negro que dança, e a maneira como ele dançava me deu a impressão de que seu corpo era uma prisão, assim como todas as cenas que aconteciam em um galpão, aquele lugar fechado. Isso me incomodou, passando essa sensação de prisão. Eu me vi na alegria de cantar e tocar o violão, na dor e revolta da morte sem motivo aparente, na alegria do canto do coro, nos corpos que dançavam, e nos nossos avós ou pais, sempre nos prevenindo da maldade do mundo, dizendo para que eu pudesse ganhar meu próprio dinheiro ou portar meu documento de identidade, mesmo que minha identidade já seja reconhecida antes de mim mesma ou dos documentos oficiais. Me identifiquei muito com o negro principal, porque, na vida, a gente é assim: vai dançando meio desengonçado, meio no ritmo. Dizem que matamos a mão armada e, quando tentamos dar conta da nossa identidade, me vi correndo no final junto e nem sei o porquê. Um lugar em que não me vi foi com a arma na mão atirando e nem no caos do background. É difícil dizer as partes ou lugares com os quais eu não me identifiquei, porque eu não concordo com a realidade desumana na qual fomos enquadrados. Contudo, o caos, as surpresas e as inverdades ofuscam a leveza alegre e dançante que

deveria conduzir a vida, e esses três aspectos nos levam a sentimentos angustiantes por retratarem uma realidade que me fere profundamente.

Níkenik

4.3 UM CORPO-TESTEMUNHO

Entender o que é um Corpo-Testemunho tem sido a minha jornada. Coloco-me, há algum tempo, buscando compreender como este surge ou existe dentro da sociedade. Uso os verbos "surgir" e "existir" porque essa relação me provoca muito quando olho para mim mesmo. Eu existo nesse lugar desde sempre ou chego a esse lugar a partir de um movimento de transformação? Essa tem sido sempre a minha primeira pergunta quando busco encontrar uma forma de definir e falar sobre o que é um Corpo-Testemunho.

A civilização branca europeia, impôs ao negro um desvio existencial [...] No caso do negro, nada é parecido. Ele não tem cultura, não tem civilização, nem um longo passado histórico. (Fanon, 2008, p. 28 e 46).

O menino Pedro, sempre foi preto, mas acredito que o lugar social em que fui inserido, e no qual me inseriram, me fez vivenciar experiências brancas sobre o meu corpo. Fui embranquecido pelo olhar colonizador que me foi imposto, para que eu tivesse certa passabilidade dentro de uma sociedade racista em que me faço presente. Embranquecer foi uma solução para sobrevivência, para acesso e para me colocar como um ser de direitos no espaço que ocupo.

Não posso ainda trazer uma definição final para o que é um Corpo-Testemunho, mas quero compartilhar o que entendo até este momento. Compreendo este ser singular como aquele que perpassa por lugares profundos de ser e estar, que habita em si as suas memórias e busca construir um novo olhar para sua história a partir de narrativas que falam de territórios que ocupam este corpo. Entendo um Corpo-Testemunho como ponto central de uma espiral que só se faz existir quando ele perpassa por consignas fundamentais de construção de uma ancestralidade.

Com isso, penso que o Corpo-Testemunho só existe se ele se encontra com sua ancestralidade e a compreende, tornando-a parte de si, ancorando-se nela. E, ao mesmo tempo que isso acontece, este Corpo-Testemunho passa a ser espaço de encruzilhada, do tempo e da arte de si e do outro, constrói memórias e se faz palavra. Para mim, ancestralidade não é sobre jovens e anciões; é sobre tocar o outro, é sobre como o outro me toca e me transforma. Desta forma, a oralidade que me constitui memória me faz ancestral, de forma que eu sou ancestral daqueles que ainda nem nasceram, assim como eles são ancestrais para mim, pois todos nós somos construtores de memória por meio de nossas histórias, narradas de forma oral e escrita, para além do tempo físico que compreendemos, e no qual nos colocamos como seres viventes.

Deixo aqui algumas imagens que tornam visíveis este processo de descoberta acerca deste corpo.

Figura 1 - Imagens



Fonte: conjunto de imagens criada pelo autor

A partir deste processo, retomo a minha pergunta do início desta narrativa: eu existo nesse lugar desde sempre ou chego a esse lugar a partir de um movimento de transformação? Creio que há pessoas que nascem dentro de uma ancestralidade que as perfazem como Corpo-Testemunho e outras, como eu, que têm a oportunidade de se tornar e alguns que se remontam como Tio Ruckus, de The Boondocks, que vemos representado por Gambino em *This is América*, que permanecem longe de sua ancestralidade. “O negro é um homem negro; isto quer dizer que, devido a uma série de aberrações afetivas, ele se estabeleceu no seio de um universo de onde será preciso retirá-lo.” (Fanon, 2008, p. 26). Creio que este ser ontológico, que é o Corpo-Testemunho, não cabe apenas ao corpo preto; ele cabe a todos os corpos. Entretanto, me proponho a observar a pele que me compõe, a pele preta, por uma questão crítica que coloco aqui. No caso do corpo branco, sua ancestralidade já está posta, tão posta ao ponto de embranquecer corpos pretos e fazer de suas memórias as nossas, o que hoje não faz sentido para mim.

Digo hoje, porque, como está descrito neste documento, apenas em 2018, aos 23 anos, fui provocado a me moldar dentro da minha ancestralidade. Para isso, uso uma ferramenta que chamo de “territorialidade preta”. Me territorializo em espaços de aquilombamento, espaços onde a cultura preta é exaltada e respeitada, como o terreiro, a roda de samba, a comunidade. Também tomo como território a bibliografia preta. Desde 2018, em todos os meus trabalhos, busco realizar escritas que tenham uma referência bibliográfica totalmente preta, entendendo cada escritor, pesquisador, obra e artista preto, como um quilombo que se remonta ao estado humano.

Dessa maneira, entendo a obra Aruanda como um espaço de reflexão, que revisita o corpo preto como uma ideia singular e única de comunidade, que transgride a sociedade para rasgar o véu que nos encobre sobre as encruzilhadas da vida. Um corpo preto não anda só, ele sempre está acompanhado de sua ancestralidade que lhe fortalece, sendo um corpo que se molda sobre a ideia e a força do quilombo. (O menino Pedro, 2023, p. 06).

Hoje, neste documento, me embranqueço ao usar Foucault, na falta de me encontrar com um estudioso preto que eu pudesse convidar a estar comigo neste processo de escrita. Me territorializo em mim e no outro. Quem sabe um dia os trabalhos científicos entendam os processos orais que perfazem um Corpo-Testemunho, de tal forma que não

seja necessário eu me embranquecer em um documento. Não digo isto para invalidar ou diminuir a literatura branca e/ou eurocêntrica, mas me questiono: onde estão as nossas literaturas pretas? Elas existem, mas foram roubadas nos processos coloniais, estão na oralidade e, quando não, estão silenciadas. Desta forma, é preciso buscá-las e torná-las visíveis e territórios.

MINHAS REFLEXÕES

O conceito de Corpo-Testemunho emerge de um processo profundo de autodescoberta e compreensão das experiências e memórias individuais e coletivas, especialmente no contexto da ancestralidade e identidade racial. A pergunta central – "eu existo nesse lugar desde sempre ou chego a esse lugar a partir de um movimento de transformação?" – reflete a complexidade de se entender como um Corpo-Testemunho. Este conceito é uma construção contínua que envolve tanto o reconhecimento de uma herança ancestral quanto a transformação através das experiências vividas.

O Corpo-Testemunho ganha forma e significado quando se encontra e compreende sua ancestralidade, ancorando-se nela. Este processo de encontro e compreensão permite que o Corpo-Testemunho se torne um espaço de encruzilhada, onde o tempo e a arte se entrelaçam, construindo memórias e se fazendo palavra. É através dessa interação contínua com a ancestralidade que o Corpo-Testemunho se torna território, de si e do outro, sendo simultaneamente um produto e um agente de transformação.

A territorialidade é um aspecto crucial na formação do Corpo-Testemunho. A territorialidade preta, como descrevi, envolve a ocupação e valorização de espaços culturais e comunitários onde a identidade e a cultura preta são exaltadas e respeitadas. Além disso, a territorialização inclui a busca por uma bibliografia preta e a valorização das literaturas e histórias pretas que foram silenciadas e/ou marginalizadas pelos processos coloniais, é preciso ver, ouvir e sentir história e memórias pretas.

No contexto socioideológico, o Corpo-Testemunho desafia as narrativas hegemônicas que tentam embranquecer corpos pretos e suprimir suas memórias e histórias. O Corpo-Testemunho resiste a essa assimilação forçada e busca reconstituir uma identidade e uma memória autêntica, ancorada na ancestralidade e nas experiências compartilhadas dentro da comunidade preta. Este processo é tanto uma forma de resistência quanto de afirmação de uma identidade que foi historicamente negada.

O Corpo-Testemunho ocupa um lugar de resistência e transformação dentro da sociedade. Ele é um agente ativo na construção de uma nova narrativa que reconhece e valoriza a contribuição e a história dos corpos pretos. Ele desafia as estruturas racistas e coloniais que tentam reduzir corpos pretos a estereótipos ou a experiências de subjugação. Ao reivindicar suas memórias e histórias, o Corpo-Testemunho contribui para a criação de uma sociedade mais justa e equitativa.

Em suma, o lugar socioideológico do Corpo-Testemunho é um lugar de resistência, transformação e reivindicação. É um lugar onde as memórias e histórias pretas são recuperadas, valorizadas e integradas em uma narrativa que desafia as estruturas

opressoras e busca a justiça e a equidade. O Corpo-Testemunho é, portanto, um ponto central de uma espiral de transformação que se enraíza na ancestralidade e se projeta no futuro, construindo um novo olhar para a história e a identidade preta, a partir da memória, da encruzilhada, da arte, tempo e oralidade.

Mo dípɛ gbogbo
O menino Pedro

REFERÊNCIAS

CLANDININ, D. J.; CAINE, V.; ESTEFAN, A.; HUBER, J.; MURPHY, M. S.; STEEVES, P. **Places of practice: learning to think narratively. Narrative works: issues, investigations & interventions**, v. 5, n. 1, p. 22-39, 2015.

CLANDININ, D. J. **Engaging in Narrative Inquiry**. New York: Routledge, 2013.

CLANDININ D. J., & CONNELLY, F. M. (2000). **Narrative Inquiry: Experience and Story in Qualitative Research**. Jossey-Bass.

DEWEY, John. **Experience and Education**. New York: Kappa Delta Pi, [1938] 1997.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir: Nascimento da Prisão**. Petrópolis: Vozes, 2014.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. 1969.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008. p. 147.

MARTINS, Leda. **Performances da Oralitura: corpo, lugar de memória**. Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Letras. no 26. Língua e Literatura.

NASCIMENTO, Abdias do. **Quilombismo: Documentos de uma Militância Pan-Africanista**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2019.

Rocha, E. da S., & Levy, S. D. (2021). **“This is America”: a era Jim Crow e os lugares de memória da guerra de secessão na arte visual de Hiro Murai**. *Visualidades*, 19, 6. Disponível em: https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/deed.pt_BR.

O menino Pedro. **Dramaturgia Aruanda**. Editora Dialética, 2023. p. 6.

Submetido em 24 de setembro de 2024

Aceito para publicação em 28 de dezembro de 2025

